

Sociedade em Tumulto

BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**S. PEDRO DE VIR-A-CORÇA (MONSANTO, IDANHA-A-NOVA):
ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A REINTERPRETAÇÃO DE
ESPAÇOS SACROS NA LONGA DIACRONIA¹**

RESUMO

O tema dos espaços sagrados em Arqueologia tem sido objecto de reflexão vária, sendo, porém, poucos os trabalhos que reflectam sobre a longa-diacronia que lhes está imanente. Tomando o exemplo de S. Pedro de Vir-a-Corça (Monsanto), uma breve ponderação em torno das evidências visíveis à superfície resultará, aqui, numa proposta interpretativa do fenómeno da longa-duração e da reinterpretação dos espaços na Antiguidade Tardia e Alta Idade Média.

Palavras-chave: Espaços Sagrados, longa diacronia, mundo rural.

ABSTRACT

The subject of sacred places in Archaeology has been addressed from various angles, although only a few studies have discussed the diachronic life of these spaces. Drawing on a brief analysis of the surface evidence of S. Pedro de Vir-a-Corça (Monsanto), this paper presents an approach to the conceptualization of long-diachronic phenomena and the reinterpretation of places in Late Antiquity and Early Middle Ages.

Keywords: Portuguese Archaeology, Late Antiquity and Early Middle Ages.

1. Caracterização geográfica e enquadramento paisagístico

549

O sítio de S. Pedro de Vir-a-Corça localiza-se no sopé do *inselberg* de Monsanto, especificamente, na vertente SO, em plataforma a 537m de altitude (segundo a CMP 258), com domínio visual para a planície da actual aldeia de Carroqueiro (de que dista cerca de 1 km em linha recta) (fig. 1).

¹ O artigo ora apresentado resulta de um trabalho desenvolvido no Seminário de *Espaços e Sociedades*, do 2º Ciclo em Arqueologia e Território.

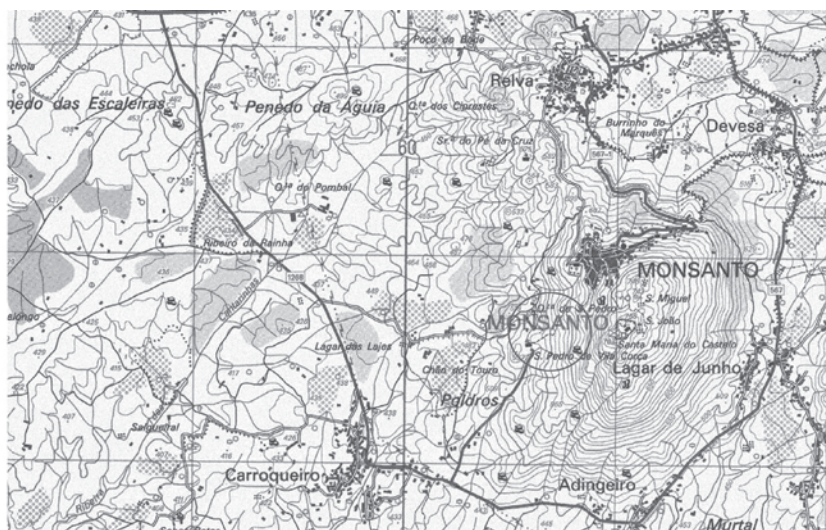


Fig. 1: Localização de S. Pedro de Vir-a-Corça em extracto da CMP 258.

Destacam-se na sua paisagem os afloramentos graníticos (de grão médio a grosseiro, porfiróide e de resistência razoável²), preenchidos por esparsos sobreiros e coberto vegetal rasteiro, predominantemente caracterizado por giestas³. Localiza-se, a NO, a quinta homónima, merecendo referência, nas imediações, os terrenos do Chão do Touro e Lagar das Lajes⁴.

O sítio é bem irrigado, sendo de referir duas linhas de água nas suas proximidades, passíveis de identificar com a Fonte Santa e a Fonte da Poça, referidas pela bibliografia⁵.

² Carvalho, 2004: 68.

³ A vegetação e a “manta morta” impossibilitaram uma visibilidade propícia à identificação de vestígios materiais, bem como, em alguns casos, de estruturas escavadas na rocha.

⁴ As qualidades do solo da área Monsanto são realçadas no *Portugal Antigo e Moderno*: “O termo d’esta villa é fértil em cereaes, azeite, legumes, fructas e hortaliças. Cria bastante gado, e nos seus montes há abundância de caça” (Leal 2006: 415). Mais recentemente, Buescu (1984: 18) reportando-se, especificamente, a S. Pedro de Vir-a-Corça caracteriza-o por “zona não habitada de quintas e pastos”.

⁵ Salvado 1993: 49. São recorrentes as alusões às propriedades curativas das águas da Fonte da Poça, que, de acordo com o saber popular, correria apenas no Verão,

É encimado pela actual vila de Monsanto (a NE do sítio), distando de Idanha-a-Velha, extinta Egitânea, cerca de 5 km em linha recta.

2. Sinopse historiográfica

O sítio de S. Pedro de Vir-a-Corça tem suscitado inusitado interesse por distintos domínios. Porém, resultam daí parcas alusões e descrições do sítio e da envolvente em bibliografia de cunho generalista, revelando-se as informações daí deduzidas, não raro, inconclusivas e pouco claras.

Sobre a antiguidade dos vestígios de presença humana pouco se tem reflectido e fundamentado. Uma pretensa ocupação pré-romana persistiria numa estrutura cultural rupestre mencionada nas Memórias Paroquiais de 1758⁶, mas cujas evidências materiais têm sido pouco buscadas. Autores há que consideram que as origens do sítio remontam à época romana, fundamentando-se na evolução do próprio topónimo, colocando a hipótese de aí se ter localizado uma *villa* romana⁷. De facto, a sua menção mais antiga remonta a inícios do século XIV (1308), na carta de feira dionisina, concedendo que esta se desenvolvesse no então sítio de S. Pedro de Villa-Corça⁸.

Uma eventual ocupação eremítica tem sido relegada para segundo plano, considerando-se a lenda alusiva à permanência aí de Santo Amador⁹, como produto do imaginário popular, não recuando além do século XVII, altura em que integra o *Agiológio Lusitano*¹⁰.

secando no Inverno.

⁶ O pároco de S. Miguel referir-se-lhe-ia nestes termos “say da penha grandiozo olho de agoa quente de que em tempos antigos se uzou em caldas porquanto em alguma distância se vê em penha viva hum capacíssimo balneo com escadas e repuxos” (Azevedo 1901: 301).

⁷ Refiram-se, a propósito, Buescu 1984; Pereira 1916.

⁸ Salvado 1993: 19, 20.

⁹ O topónimo do sítio deve a sua origem à lenda: o anacoreta Amador, enquanto em retiro ascético, teria salvo, por suas preces, uma criança de cair nos penhascos. Encarregando-se da sua sobrevivência, diz-se que todos os dias uma corça se dirigia ao seu abrigo para alimentar a criança (Azevedo 1901: 301). Tem-se corroborado a posterioridade da lenda com a fórmula mais recente do topónimo: S. Pedro de Vir-a-Corça, em vez de Villa Corça (Pereira 1916: 27).

¹⁰ *Ibidem*: 26.

3. Complexidade do espaço de S. Pedro de Vir-a-Corça

Remontam ao século XVIII as primeiras referências à existência de um eventual espaço de culto de origem pré-romana na área que corresponde ao sítio em análise.

A abundância de águas e a paisagem natural, propícias a conceptualizações cosmogónicas da natureza, parecem suportar, em articulação com as evidências de povoamento na área em período proto-histórico e a descrição do espaço no *Diccionario Geographico*, a existência, aí, de um possível santuário.

Em visita à área, junto à fonte da Poça, identificámos uma escadaria escavada na rocha, associada a poços de configuração aparentemente circular¹¹. Não muito longe, proliferam tanques de configuração rectangular que têm vindo a ser interpretados como parte de estrutura balnear¹² (fig. 2). Todavia, esta interpretação não se parece coadunar com a realidade observada, afigurando-se-nos mais coerente uma funcionalidade associada à produção de vinho¹³, muito embora a paisagem actual pouco revelar sobre o passado vinícola da zona¹⁴.

Do que nos foi possível observar, a característica mais marcante da paisagem antropizada de S. Pedro de Vir-a-Corça é, sem dúvida, os inúmeros tanques e lagares, que, concentrados ou dispersos, vivificam modos de exploração passados¹⁵. Tratam-se, alguns, de lagares escavados

¹¹ Não nos foi possível observar devidamente estes poços, mercê da cobertura vegetal do sítio. O afloramento onde foi esculpida a escadaria encontra-se em mau estado de conservação, devido à proliferação de fissuras naturais e líquenes, pelo que não conseguimos identificar outros elementos escavados na rocha. Em penedia contígua persistem, ainda, entalhes passíveis de evidenciar a existência de estruturas de cariz perecível.

¹² Salvado 1993: 49. Referimo-nos, concretamente, a 14 tanques (Henriques *et alli* 2008: 12) e pelo menos 4 lagares constituídos por dois pios e bica.

¹³ Realizar-se-ia, aí, a pisa, sendo o mosto deixado a fermentar no tanque até à formação do vinho, através da separação natural das cascas e grainhas do líquido (Alarcão 2004: 34). A inclinação natural do afloramento onde foram moldados poderia ter sido aproveitada para facilitar a posterior remoção do produto final.

¹⁴ A documentação baixo-medieval é bastante clara ao incluir o vinho e o azeite como produtos principais da região (Milheiro 1972 *apud* Henriques *et alli* 2008: 8).

¹⁵ Estruturas inscritas numa longa diacronia de utilização, os lagares raramente estão associados a níveis arqueológicos fiáveis, pelo que a sua compreensão cronológica vai desde o período romano à actualidade (Almeida *et alii* 1999: 97; Tente 2007: 346).

na rocha de planta sub-quadrangular, compostos por dois pios (*calcatorium* e *lacus*: o primeiro onde se realizaria a pisa da uva, escorrendo o líquido para o segundo, comumente de menores dimensões¹⁶), preservando-se, ou não, as demais estruturas que implicam¹⁷.

Algo apartado do conjunto de lagares referidos, mencione-se um lagar de configuração trapezoidal, mais estreito e alongado¹⁸. À direita preservam-se dois pios circulares, um fundo, que liga com outro de menor profundidade, e este, por sua vez, apresenta um canal de ligação ao canal da estrutura trapezoidal¹⁹. Este tipo de estrutura afigura-se menos complexa do que as atrás mencionadas e trata-se do único exemplar do género no conjunto de lagares que conseguimos observar.

Toda a área Monsanto (especialmente a SO) parece ter estado vocacionada para a produção vinícola, facto bem evidenciado pela concentração de lagares escavados na rocha e pela própria toponímia da zona. Refiram-se, a título de exemplo, os sítios de Lagar das Lages, Poldros, Adingeiro, Corgos, Penedo das Vinhas.

¹⁶ Almeida *et alii* 1999: 98, 101.

¹⁷ O lagar aberto na rocha, em plataforma granítica por cima da “gruta” de Santo Amador preserva, ainda, entalhes destinados aos mecanismos de prensa, sendo de res-salvar, igualmente, o peso de lagar (com cerca de 80cm de diâmetro) que permanece aí. Alguns entalhes em rocha solta (indiciando a existência de mais estruturas do género que foram destruídas...) parecem corresponder aos *stipites*, destinados a suportar a estrutura de prensa (*ibidem*: 98). Situa-se, ainda, aí, uma estrutura de planta sub-rectangular irregular, com parede oeste esculpida na rocha, encimada por pequeno entalhe, que nos parece compreensível como estrutura de apoio à produção, destinada, possivelmente, a albergar a estrutura de prensa durante o período inactivo dos lagares, assim como demais utensilagem associada à actividade (*ibidem*: 102). Mencione-se, ainda, a profusão de entalhes verticais nos afloramentos imediatos.

¹⁸ A configuração da estrutura, bem como o rebordo esculpido na rocha que a rodeia também nos pode induzir a pensar estarmos na presença de uma sepultura escavada na rocha reaproveitada, posteriormente, como lagar. A conversão dos sepulcros em lagar após a obliteração da sua funcionalidade primordial é fenómeno recorrente no que concerne ao mundo funerário rupestre.

¹⁹ Estruturas circulares análogas foram descritas por Tente (2007: 354, 355: por exemplo, no Lagar da Quinta dos Botos, Gouveia), sem que, no entanto, se tenha obtido uma interpretação segura (a autora procurou compreendê-las como pertencentes a uma segunda fase de obtenção do vinho, através da prensagem em fuso do mosto residual: *ibidem*: 362, 363).



Fig. 2: Alguns tanques escavados na rocha a N da ermida.

554

Para além das estruturas acima mencionadas, a configuração geológica do sítio é naturalmente propícia à formação de abrigos naturais, em palas ou na união de afloramentos. Constituem bom exemplo dois abrigos situados a SE da capela, próximos do lagar estreito atrás mencionado. Casos há onde fenómenos de erosão natural foram determinantes no esculpir de espaços abrigados. A gruta onde teria habitado o eremita Amador parece ser disso exemplo²⁰, apesar de evidentemente humanizada - atestam-no as covinhas circulares e pouco profundas que se conservam na base, bem como a alvenaria oitocentista

²⁰ Carvalho 2004: 70.

erguida para proteger o local sacro²¹. Estes espaços abrigados são naturalmente convidativos à fixação de comunidades eremíticas ou, até mesmo, mais remotas, pelas evidentes condições de habitabilidade que apresentam²².

Na mesma massa rochosa podemos observar as seguintes realidades: a gruta de Santo Amador; a plataforma onde foi escavada a estrutura de lagar e a eventual estrutura de apoio; e, não muito longe, aproveitando-se de uma pala natural, um espaço abrigado onde foi escavada uma parede, possuindo, ainda, o que parece corresponder a um entalhe.

A NO da ermida, contíguo aos limites da Quinta de S. Pedro, refira-se, ainda, um outro afloramento com entalhes bem expressivos, que, nitidamente, evidenciam a existência, aí, de estrutura actualmente ignota²³.

A ermida românica de S. Pedro de Vir-a-Corça constitui o testemunho mais evidente da sacralização do espaço. Trata-se de construção sóbria, de planta longitudinal, de cabeceira tripartida, sustentada por silharia regular e robusta. O espaço interno encontra-se organizado em torno de quatro colunas²⁴. As poucas reflexões tecidas em seu torno, do âmbito da História da Arte, tendem a considerá-la como testemunho de um românico tardio característico da zona.

Se, à primeira vista, nada parece indiciar a existência aí de templo cristão mais remoto, um olhar atento para as paredes e para a relação que tem com as sepulturas escavadas na rocha, que lhe são contíguas, conduz-nos a diferentes interpretações²⁵.

²¹ Pereira 1916: 29.

²² Não identificámos, nestas cavidades, vestígios materiais passíveis de suportar esta ideia. Todavia, em artigo recente que inventaria os vestígios arqueológicos de Monsanto (cf. Henriques *et alii* 2008:8) são referenciados “achados isolados” passíveis de se compreenderem cronologicamente na Idade do Bronze.

²³ A descrição que nos dá Maria Adelaide Salvado do sítio localmente designado por Torreão ou Torreão parece coadunar-se com as evidências visíveis na rocha, onde, segundo a memória popular, localizar-se-ia uma torre com 17 metros (Salvado 1993: 51).

²⁴ Esta compartimentação tem sido o argumento de alguns autores, a par da cabeceira tripartida, para uma suposta anterioridade da ermida (DGEMN; Pereira 1916: 25).

²⁵ A ermida sofreu graves alterações aquando das intervenções da ex-DGEMN, em finais da década de 70, inícios de 80, tendo não só afectado a estrutura, mas essencialmente a estratigrafia envolvente...

Assente numa necrópole de sepulturas antropomórficas e sub-retangulares, distribuídas junto ao alçado N e à entrada principal, respectivamente, a ermida incorpora elementos arquitectónicos que lhe são estranhos, bem como delinea uma planta distinta das construções coevas da zona²⁶.

Em visita ao local pudemos identificar no seu aparelho quatro silhares almofadados (localizados, especificamente, no aparelho de base, mais robusto) (fig. 3), silhares de cotovelo (consistentes com os “modelos” de construção pré-românicos), bem como alguma silharia facetada e demais material pétreo reutilizado. Uma estrutura de considerável robustez e aparelho regular e facetado (fig. 4), desenvolve-se perpendicularmente à capela, partindo da parede S, sendo passível de corresponder a vestígio prévio à construção actual²⁷.



Fig. 3: Silhar almofadado incorporado na parede exterior S da ermida (DGEMN: Arquivo).

As intervenções da extinta DGEMN, tendo atingido a rocha base, impossibilitam, actualmente, a correcta apreensão das realidades

²⁶ A Igreja de S. Miguel, também ela ladeada por necrópole de sepulcros antropomorfos e dita pela população “a igreja mais antiga de Monsanto” apresenta uma planta bem mais simplificada, enquadrada neste românico tardio.

²⁷ Em fotografias da DGEMN podemos verificar que esta estrutura se prolonga na vala de fundação e parece ter sido cortada pela capela. São, aí, também visíveis alguns fragmentos de *tegula* retirados dos escombros das intervenções.

arqueológicas da capela. Os trabalhos “para libertar a área” implicaram, inclusivamente, a escavação da sua vala de fundação e a descoberta e espoliação das sepulturas rupestres actualmente a céu aberto²⁸ (fig. 5).



Fig. 4: Estrutura perpendicular ao alçado S da ermida (DGEMN: Arquivo).

A distribuição dos sepulcros afigura-se, aqui, como testemunho indirecto de estrutura de culto cristão prévia por várias razões: (1) a variedade morfológica apoia uma longa diacronia da utilização deste espaço como necrópole²⁹; (2) as sepulturas parecem desenvolver-se em torno de um ponto específico passível de associar com o edifício prévio; (3) existem no interior da ermida duas únicas inumações que ocupam posição central de destaque (comummente consideradas como os sepulcros de Santo Amador e da criança que educou)³⁰.

²⁸ Dos materiais “seleccionados” no decorrer da remoção de terras refiram-se “uma malga inteira, outra fracturada (pequenas), um prego de fixar ferragens em portas e uma pequenina imagem em cobre (?) ...” (Lopes 1980). Pela presença de escórias na área, julgamos poderem tratar-se estas “malgas” de cadinhos de fundição (?). Todavia, a fotografia que observámos não é suficientemente conclusiva.

²⁹ Uma das sepulturas é, inclusivamente, “reutilizada” como suporte do embasamento da parede N (fig. 5).

³⁰ Concretamente, uma sepultura mais antiga sub-rectangular e uma mais recente antropomórfica. Esta última conservava, ainda, ossadas, que foram removidas (*ibidem*).



Fig. 5: Sepulturas rupestres junto à fachada N da ermida. Atente-se na sepultura obliterada pela parede.



Fig. 6: Sepulturas antropomórficas com rebordo em afloramento destacado. Ao fundo, o campanário e a gruta de Santo Amador.

Duas sepulturas escavadas na rocha em afloramento destacado, contíguas aos sepulcros que se desenvolvem a partir da fachada NO (fig. 6), também elas de configuração antropomórfica e com rebordo externo, merecem menção pelo óbvio destaque que tinham em relação à restante necrópole.

Uma sepultura de aparente configuração rectangular está apartada deste conjunto, mas próxima do lagar SE e dos abrigos naturais³¹.

4. S. Pedro de Vir-a-Corça na longa diacronia: algumas hipóteses interpretativas

Resulta evidente, à luz do atrás exposto, a complexidade espacial e temporal do sítio de S. Pedro de Vir-a-Corça. Apesar do presente trabalho se revestir de necessárias lacunas, julgamos poder avançar com

³¹ Julgamos que uma limpeza da superfície da zona resultaria bastante profícua na apreensão da dimensão dos vestígios rupestres e materiais associados a S. Pedro de Vir-a-Corça, especialmente nesta área, mais recôndita em relação ao espaço tornado “visitável” em torno da ermida.

algumas propostas para uma conceptualização/ interpretação deste espaço pelas distintas sociedades que por ele perpassaram³².

No que a uma eventual ocupação pré-romana do sítio é concernente, não podemos mais do que procurar fundamentar a nossa opinião em referências bibliográficas, não se conhecendo vestígios claramente reportados a este período. De facto, para além dos achados avulsos que pontilham o *inselberg* de Monsanto³³, não dispomos de mais informações passíveis de indiciar uma ocupação pré-romana do monte.

A configuração das moles graníticas, a bizarria das formas naturais, a fecundidade da terra de onde brotam linhas de água, pode, no caso de S. Pedro de Vir-a-Corça, ter incitado à prática de rituais religiosos, intrinsecamente relacionados com o culto dos espaços naturais³⁴.

Ponderando a possibilidade de Monsanto ter cumprido funções de espaço sacro e atentando na localização dos principais povoados do Bronze Final / Ferro Inicial na zona³⁵, é possível ter-se localizado, em S. Pedro, um santuário rupestre de culto às divindades ctónicas, associado, por um lado, à rocha que brota da terra, por outro, à água.

Para além da escadaria, associada à fonte³⁶, mencionem-se referências pouco claras a “cavinhas” e eventuais manifestações de arte

³² Não pretendemos, aqui, a exaustão nem a colocação de hipóteses insuficientemente verosímeis. Todavia, a pesquisa bibliográfica e as “visitas” ao sítio revelaram-se sobremaneira insuficientes, face à profusão de elementos antrópicos, necessariamente reveladores da complexidade diacrónica e sincrónica do espaço em causa.

³³ Mencionem-se, por exemplo, um machado de talão, associado a uma linha de água, e um tesouro composto por joalharia de prata: Silva 2005: 47.

³⁴ Todo o monte de Monsanto pode ter sido sacralizado em época pré-romana, facto que seria justificativo da relativa falta de vestígios passíveis de associar a uma ocupação permanente na área remontante aos períodos pré e proto-históricos. Os achados avulsos, atrás mencionados, podem, de facto, constituir disso evidência, enquanto materialização do fenómeno de “sacralização” dos espaços naturais (Vilaça 2007).

³⁵ A distância dos povoados de Moreirinha e Alegrios a Monsanto seria facilmente suprida, especialmente, se tomarmos em conta a existência de uma rede viária pré-romana (Vilaça *et alii* 1998: 38). O espaço de Monsanto “seria um ponto para ser contemplado mas não habitado.” (Silva 2005: 46).

³⁶ A interpretação, ora apresentada, desta como estrutura cultual não é peremptória pela sua própria natureza e estado de conservação. A proximidade em relação à linha de água compreende-se nos “pressupostos” dos locais de realização de rituais de banhos iniciáticos, enquanto representação da passagem ao submundo/renovação, que simbolizam, simultaneamente, a imersão na água e o ressurgir protagonizado pela

rupestre, cuja interpretação de conjunto levou à formulação da hipótese de S. Pedro ter albergado importante espaço de culto pré-romano³⁷. Persistências, na memória popular, de invocações de raiz pagã associadas ao espaço de S. Pedro podem, igualmente, asseverar esta hipótese³⁸.

O destaque paisagístico do monte-ilha de Monsanto, a par das condições naturais já atrás aludidas, em coordenação com o povoamento e os possíveis caminhos, levam-nos a colocar a hipótese de se ter localizado em S. Pedro um santuário inter-comunitário, análogo, quicá, a santuários isolados como o de Peñalba de Villastar³⁹, podendo compreender-se, igualmente, como local de culto central, destinado às povoações que habitassem num raio de 5 a 10 km⁴⁰.

Com o desenvolvimento da presença romana na área, de que constitui principal exemplo a sede da *civitas Igaeditanorum*, admite-se a preservação de um culto de cariz indígena, dentro de um fenómeno de sincretismo religioso, comum ao pragmatismo romano⁴¹.

Pouco se pode esboçar em torno da presença romana na área; para além de Idanha-a-Velha, refiram-se vestígios de uma *villa* junto à capela de S. Lourenço⁴² (a cerca de 2,5km N de S. Pedro), assim como esparsas referências a achados avulsos no monte de Monsanto (os denários republicanos referidos por Leite de Vasconcellos⁴³).

escadaria. O afloramento ocupa posição de destaque, dominando para a zona aplanada da Quinta de S. Pedro, aspecto comum à implantação dos santuários em penhas (Jiménez Guijarro 2000).

³⁷ Salvado 1993. A redundância da bibliografia consultada não nos permitiu cruzar informações com o que observámos no terreno. É certo que um trabalho mais aprofundado de prospeção e leitura dos afloramentos resultaria esclarecedor neste aspecto...

³⁸ Expressão unívoca da orgânica Homem/Natureza, o imaginário popular, no caso de S. Pedro, é repleto de estórias e superstições intrinsecamente associadas à bizarria das formas pétreas (refira-se, como exemplo, a lenda do Barrete Vermelho: Salvado 1993: 31).

³⁹ Álvarez-Sanchís 2003: 117).

⁴⁰ Cumprindo funções de “omphalós o centro organizador del territorio y de las poblaciones” (Lorrio *et alii* 2006: 68).

⁴¹ O achado de uma ara a *Arentius* em Chão do Touro, próximo de S. Pedro, pode encontrar justificação aqui, divindade de matriz indígena considerada de natureza tutelar (Salvado 1993: 53).

⁴² Sobre a *villa* de S. Lourenço consulte-se Almeida, D. Fernando, Ferreira, O. da Veiga (1956) – *Antiguidades de Monsanto da Beira*, Guimarães.

⁴³ Vasconcellos 1917: 305.

Para além de fragmentos de *tegula*, recordemos os silhares almofadados reutilizados na capela, passíveis de se compreenderem cronologicamente no período romano⁴⁴, bem como algumas pedras aparelhadas. Porém, a falta de estudos que incidam sobre esta zona é prejudicial a uma apreensão correcta das distintas realidades que a pautam.

Em momento prévio já nos reportámos à tese da existência, na zona de S. Pedro de Vir-a-Corça, de uma *villa* romana⁴⁵. Apesar dos indícios que verificámos não a corroborarem, também não lhe são indiferentes. A silharia facetada e almofadada reempregue na capela teria de provir das proximidades e de um sítio de relativa importância.

A articulação destes vestígios com os tanques e lagares que abundam na área a N da capela pode indiciar a existência de um assentamento romano, com uma área de exploração bem definida, passível de corresponder, aproximadamente, à zona da actual Quinta de S. Pedro⁴⁶. Uma proximidade evidente com o importante eixo viário que liga *Emerita* a *Bracara*, passando por Idanha-a-Velha e Monsanto⁴⁷, coaduna-se com esta ideia.

As transformações vivificadas na Antiguidade Tardia e Alta Idade Média, um pouco por toda a península, levaram a configurações diferenciadas do espaço rural. Compreendem-se, assim, os fenómenos de transfiguração das *villae* que pontuam o Ocidente tardo-antigo, através da condenação/ conversão funcional dos seus espaços constitutivos, intrinsecamente relacionados com necessidades de nova ordem, de que interessa ressaltar a difusão do Cristianismo no mundo rural⁴⁸. É admissível que fenómeno análogo poderia aplicar-se ao espaço de S.

⁴⁴ Silharia de características análogas integra, também, o templo cristão de S. Pedro da Capinha (Fundão). Agradecemos esta informação à Dra. Constança Santos.

⁴⁵ A designação *villa* em fontes medievais não corresponde, de todo, à realidade espacial das *villae* romanas (Arce, Ripoll 2001: 21 e ss.). Temos de ser cautelosos na altura de ponderarmos sobre estas informações.

⁴⁶ Recordemos que esta quinta está particularmente associada a uma linha de água. Tivemos oportunidade de verificar, também, algumas pedras aparelhadas nos muros que ladeiam o caminho (cuja dispersão parece continuar no trilho que parte daí para o Carroqueiro: Salvado 1993: 51).

⁴⁷ Alarcão 1988: 101, 102.

⁴⁸ Sobre este tema muito se tem recorrido, não se podendo estabelecer um padrão de transformação destes espaços, mercê de diferentes conceptualizações das *villae* em período tardo-antigo (López Quiroga, Rodríguez Martín 2001; Arce, Ripoll 2001).

Pedro, todavia, um conhecimento bastante lacunar do sítio não nos permite asseverar esta suposição⁴⁹.

Uma ocupação rupestre do sítio, passível de se identificar com o fenómeno eremítico alto-medieval afigura-se-nos como verosímil, à luz das evidências que tivemos oportunidade de observar⁵⁰. O ermo e as paisagens naturalmente privilegiadas (*loci pulchritudo*) são características essenciais para a prática ascética do eremita⁵¹. Para além de um ambiente propício à introspecção, seriam condições a ter em conta uma proximidade visual dos principais núcleos populacionais (através de uma implantação em zona de preponderância paisagística) e de eixos viários⁵², assim como uma envolvente vantajosa ao desenvolvimento de práticas agrícolas e silvo-pastoris de subsistência⁵³.

O espaço de S. Pedro de Vir-a-Corça, isolado, mas ocupando privilegiada posição de destaque, próximo da via persistente⁵⁴, com condições propícias à fixação humana (desde abrigos naturais facilmente esculpidos; estruturas rupestres associadas à exploração de recursos, proximidade de linhas de água...) reúne em si todas as condições necessárias ao desenvolvimento, aí, de um povoamento deste tipo. A

⁴⁹ Uma abordagem deste tipo, associada a uma reflexão em torno da ermida e das suas problemáticas arquitectónicas e arqueológicas resultaria certamente profícua.

⁵⁰ O próprio orago da capela, S. Pedro, o Apóstolo, tem culto bem instituído já no século VII, estando-lhe dedicados templos como o de S. Pedro de la Nave (Zamora) e o mosteiro rupianense, fundado por S. Frutuoso (comumente designado de S. Pedro de Montes): García Rodríguez 1966: 148.

⁵¹ A própria interpretação do topónimo Monsanto nas Memórias Paroquiais o sugere: "...assim chamado pellos Anacoretas que a elle se refugiarão, e nelle viverão pella invasão do Mouro" (Azevedo 1901: 301).

⁵² Cruciais, por um lado, à subsistência do eremita, por outro, à deslocação e apoio a peregrinos (Mattoso 1997: 119).

⁵³ Monreal Jimeno 1989: 233- 235. Estas actividades compreendiam-se numa lógica de valorização do trabalho da terra, enquanto plena simbiose com o meio envolvente, promovida pela regra frutuosiana (Diez González *et alii* 1966: 148).

⁵⁴ Este eixo desempenharia, de facto, importante elo de ligação entre as principais dioceses visigóticas, destacando-se, pela sua proximidade, a diocese de Egitânea. Refira-se, para além desta, o caminho medieval que estabelecia, segundo Mario de Saa, a ligação entre Monsanto e Covilhã. A sua trajectória implicava a passagem por S. Pedro de Vir-a-Corça (Saa 1960: 266, 267).

proximidade física e visual de Egitânea não lhe seria, certamente, indiferente⁵⁵.

A hipótese de se ter localizado, onde subsiste a actual ermida, um templo mais remoto de culto cristão – indiciado pelas sepulturas sitas no seu interior (uma antropomórfica e a outra rectangular), bem como pela sepultura cortada pela parede N da ermida e a própria tipologia e disposição dos demais sepulcros⁵⁶ – coaduna-se com a indispensabilidade de um templo que funcionasse com “centro aglutinante del conjunto”⁵⁷.

Julgamos poder ver na construção actual a cessação do funcionamento do espaço como eremitério, que passaria, então, a receber, para além de romarias frequentes, a feira anual⁵⁸.

5. Reflexões para a abordagem dos espaços sagrados na longa diacronia

A conceptualização dos espaços sagrados, quer nos reportemos à Pré-História, à Idade Média, ou, até, à actualidade, parte de pressupostos comuns, intrinsecamente relacionados com o modo como o ser humano se relaciona com o meio que apreende, explora e simbioticamente conhece.

No caso dos espaços sacros proto-históricos, reinterpretados pelo Cristianismo, podemos verificar a persistência de elementos simbólicos comuns, inerentes a uma conceptualização dos espaços imbricada na memória colectiva⁵⁹.

⁵⁵ Valério do Bierzo, em passagem da *Vita Fructuosi*, ao descrever a peregrinação de S. Frutuoso em direcção a Santa Eulália de Mérida, alude ao seu retiro “en muy secreto paraje de un bosque y densa arboleda”, próximo de Egitânea (Díaz y Díaz 1974: 99). Estaria o sítio de S. Pedro de Vir-a-Corça associado a um povoamento rupestre de origem frutuosiana?

⁵⁶ A própria configuração dos sepulcros parece indiciar a existência de duas fases da necrópole: (1) sepulturas rectangulares passíveis de se compreenderem cronologicamente entre os séculos VII-IX; (2) sepulturas antropomórficas, séculos IX-XI (Barroca 1987; o autor ressalva, porém, que este tipo de “balizamento” cronológico é algo permeável...). Os enterramentos parecem estar relacionados com a proximidade dos sepulcros internos e do local de culto, sendo passíveis de associar aos enterramentos *ad sanctos* (*ibidem*).

⁵⁷ Monreal Jimeno 1989: 258.

⁵⁸ Salvado 1993: 26. Esta pode ter sido, na verdade, a razão da edificação da actual ermida...

⁵⁹ Molina Gómez 2006: 863.

A especificidade do espaço natural de S. Pedro de Vir-a-Corça, com cavidades naturais, formas pétreas e abundância de águas, reúne todas as condições para uma sacralização inconsciente da área. A longa diacronia ocupacional que preenche o sítio constitui, assim, não mais do que resposta espontânea ao impacto da paisagem natural.

A busca dos espaços naturais protagonizada pelos eremitas dos primórdios do Cristianismo para refúgio ascético em pouco se distingue da sacralização de espaços em momentos prévios.

Se, por um lado, evidências há que realmente suportam a ideia de pugna com o mundo ancestral ignoto⁶⁰, há que admitir, de igual modo, que nem todo o eremitismo seria determinado por este princípio.

No caso específico dos cultos à água, o Cristianismo parece ter-se insurgido e manifestado, através de sucessivas transformações e condenações destes espaços, quer em ambientes urbanos e *villae*, quer em ambientes eminentemente rurais, onde persistem cultos autóctones às nascentes e fontes de água salutíferas, através da construção de ermidas ou capelas⁶¹.

A especificidade do anacoretismo parece avessa à cultura do banho, interpretada como remanescência pagã que urge erradicar⁶². Este aspecto, se tido em consideração, pode constituir, de facto, uma nova abordagem da cristianização de espaços associados ao culto das águas.

Os cultos da Natureza, de carácter eminentemente pagão, foram, desde cedo, condenados pela Igreja, constituindo exímio exemplo a obra de S. Martinho de Dume, intitulada *De Correctione Rusticorum*⁶³.

Na sua essência, o fenómeno eremítico, associado a espaços de culto ancestrais ou a espaços de morte, constitui, também, uma vertente

⁶⁰ Parecendo exemplo a reutilização dos espaços de morte remotos, como a coluna funerária onde teria habitado S. Simeão, ou a reutilização e clausura em câmaras megalíticas, entre inúmeros outros exemplos. Habitar os espaços de morte remotos constituiria, por um lado, uma aproximação à essência (numa lógica de fundo socrático-platónico, transposta para o Cristianismo; o eremitismo pode ser perfeitamente encarado como “um treino de morrer e de estar morto”), por outro, a expugnação dos espaços ancestrais temidos (González Blanco 1999: 52).

⁶¹ Jimenez Sánchez 2004: 186.

⁶² *Ibidem*: 192.

⁶³ O discurso martiniano é insistente na ideia da “des-demonização da Natureza” através da transmutação da sua concepção: esta não é divina, antes produto do divino (Molina Gómez 2006: 878).

de mecanismos de preservação da memória sacral/funcional de um espaço, inerentes às comunidades que os percebem⁶⁴.

Finalmente, uma necessidade de olhar diferentemente a paisagem sagrada assume-se como essencial para uma compreensão dos “mecanismos” de sacralização das paisagens naturais compreendidas na longa diacronia.

O caso de S. Pedro de Vir-a-Corça, aqui sumariamente abordado e interpretado, pretende, tão-só, alertar para realidades distintas de substrato comum, que persistem até à actualidade, não só em vestígios materiais e facilmente perceptíveis, mas, acima de tudo, no imaginário popular, polvilhado de superstições e lendas.

Pensar os espaços sagrados implica uma abordagem intemporal, pluridisciplinar, aberta. No caso que abordámos, pudemos verificar que a linha que insistentemente se quer traçar entre sagrado e profano é irrealizável.

Um estudo do fenómeno eremítico engloba, simultaneamente, as problemáticas inerentes a uma “arqueologia da religião” e às dinâmicas de povoamento tardo-antigo e alto-medieval.

Pretendeu-se, de igual modo, com este trabalho, chamar a atenção para a realidade da reutilização dos espaços, cujos vestígios ténues podem passar facilmente despercebidos ou culminar em interpretações erróneas. O eremitismo é especialmente apto a estas “confusões”, porquanto é alheio à materialidade.

O espaço de S. Pedro de Vir-a-Corça encerra problemáticas assaz interessantes que apenas um estudo de fundo seria passível de aclarar⁶⁵. As intervenções passadas dos Monumentos Nacionais, o aparente desinteresse em torno da zona, as acções actuais em torno da capela e envolvente (quicá, associadas à realização de uma “feira medieval” na área...), são limitadoras da percepção da sua complexidade.

⁶⁴ Esta ideia pode suportar-se, especificamente, numa implantação de núcleos eremíticos junto a necrópoles megalíticas (como sucede, por exemplo, com o complexo eremítico de Furnas de Chelos, Candemil, Amarante).

⁶⁵ Aspecto, aliás, comum a toda a freguesia de Monsanto, onde o título de “Aldeia mais portuguesa de Portugal” e a inserção no roteiro das “Aldeias Históricas” pouco peso parecem ter na promoção de acções de investigação, valorização e divulgação do vastíssimo património cultural da área.

Bibliografia

- ALARCÃO, Jorge de (1988) – *O domínio romano em Portugal*, Publicações Europa-América, Lisboa;
- ALARCÃO, Jorge de (2004) – *Introdução ao estudo da tecnologia romana*, Cadernos de Arqueologia e Arte (7), Instituto de Arqueologia/ Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra;
- ALMEIDA, C. A. Brochado, ANTUNES, João M., FARIA, Pedro F. (1999) – “Lagares cavados na rocha: uma reminiscência do passado na tradição da técnica vinícola no Vale do Douro”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 2 (2), Instituto Português de Arqueologia, pp. 97 – 103;
- ÁLVAREZ-SANCHÍS, Jesús R. (2003) – *Los Señores del Ganado*, Akal, Madrid.
- ARCE, Javier, RIPOLL, Gisela (2001) – “Transformación y final de las villae en occidente (siglos IV-VIII): problemas y perspectivas”, *AyTM*, 8, pp. 21 – 54;
- AZEVEDO, Pedro A. (1901) - “Extractos arqueológicos das Memórias Paroquiais de 1758”, *O Archeólogo Português*, 1ª série, vol. V, Lisboa, pp. 297- 304;
- BARROCA, Mário Jorge (1987) - *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-o-Douro e Minho (sécs. V-XV)*, FLUP;
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão (1984) – *Monsanto: etnografia e linguagem*, Editorial Presença, Lisboa;
- CARVALHO, Carlos Neto de (2004) - “O “Parque Geomorfológico de Monsanto” através do seu percurso pedestre: as pedras para além do sagrado”, *Geonovas*, nº 18, Associação Portuguesa de Geólogos, pp. 67 – 75;
- DGEMN: www.monumentos.pt;
- DIAZ Y DIAZ, Manuel C. (1974) – *La Vida de San Fructuoso de Braga: estudio y edición crítica*, Braga;
- DIEZ GONZÁLEZ, Florentino-Agustín [et alii] (1966), *San Fructuoso y su Tiempo (Estudios de divulgación sobre el creador de la Tebaida Leonesa y Patriarca del monacato español, publicados con motivo del XIII Centenario de su muerte, año 665)*, Imprenta Provincial, León.
- GARCÍA RODRIGUEZ, Carmen (1966) - *El culto de los santos en la España Romana y Visigoda*, Monografías de Historia Eclesiastica, CSIC, Madrid;
- GONZÁLEZ BLANCO, Antonino, “Descubrimiento de Andrew Palmer en su libro *Monk and Mason on the Tigres Frontier*, Cambridge

- 1990”, in GONZÁLEZ BLANCO, Antonino [ed.] (1999a), *Los Columbarios de la Rioja, Antigüedad y Cristianismo XVI*, Universidad de Murcia, pp. 43 – 56.
- HENRIQUES, Francisco [et alii] (2008) – “Cartografia Arqueológica da Freguesia de Monsanto (Idanha-a-Nova). Primeira notícia”, *Açafa* (on line), nº 1, pp. 1 – 14;
- JIMÉNEZ GUIJARRO, Jesús (2000) – “Las peñas sacras como *imago mundi* del “centro cósmico” en el mundo indoeuropeu y céltico”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XL (3/4), Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto, pp. 101 – 116;
- JIMÉNEZ SÁNCHEZ, Juan Antonio, SALES CARBONELL, Jordina (2004) – “Termas y iglesias durante la Antigüedad Tardía: Reutilización arquitectónica o conflicto religioso? Algunos ejemplos hispanos”, *Sacralidad y Arqueología - Antigüedad y Cristianismo*, XXI, Murcia, pp. 185 – 201;
- LEAL, Augusto S. de Pinho (2006) - *Portugal antigo e moderno : dicionário geográfico, estatístico, chorográfico, heráldico, arqueológico, histórico, biográfico e etimológico de todas as cidades, villas e freguesias de Portugal e grande número de aldeias*, vol. 5, Barbosa & Xavier, Braga;
- LOPES, Luís M. C. (1980) – *Relatório de visita às obras de S. Pedro de Vir-a-Corça* (Monsanto, Carroqueiro, Idanha-a-Nova), DGEMN: Arquivo;
- LÓPEZ QUIROGA, Jorge, RODRÍGUEZ MARTÍN, F. Germán (2001) – “El final de las *villae* en Hispania: 1: La transformación de la *pars urbana* de las *villae* durante la Antigüedad Tardía”, *Portugalia*, Nova Série: vol. XXI – XII, pp. 137 – 190;
- LORRIO, Alberto J. [et alii] (2006), “La Cueva Santa del Cabriel (Mira, Cuenca): lugar de culto antiguo y ermita cristiana”, *Complutum*, vol. 17, pp. 45-80;
- MATTOSO, José (1997) - “Eremitas portugueses no século XII”, *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa* (2ª ed.), Temas Portugueses, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, pp. 103 – 145;
- MOLINA GÓMEZ, José A. (2006) – «La cueva y su interpretación en el Cristianismo primitivo», *Espacio y tiempo en la percepción de la Antigüedad Tardía – Antigüedad y Cristianismo*, XXIII, Murcia, pp. 861 – 880;
- MONREAL JIMENO, Luís Alberto (1989), *Eremitorios Rupestres Altomedievales (El Alto Valle Del Ebro)*, Cuadernos de Arqueología de Deusto, Universidad de Deusto, Bilbao.

- PEREIRA, Félix Alves (1916) – “Ruínas ou destroços igeditanos: (III) A Ermida de S. Pedro de Vir-a-Corça”, *O Archeólogo Português*, série 1, vol. XXI, pp. 18 – 30;
- SAA, Mário de (1960) – *As grandes vias da Lusitânia: O Itinerário de Antonino Pio*, tomo VI, Imprensa Nacional Casa da Moeda;
- SALVADO, Maria Adelaide Neto (1993) – *O Espaço e o Sagrado em S. Pedro de Vir-a-Corça*, Câmara Municipal de Idanha-a-Nova;
- SILVA, Ricardo (2005) – *Génese e Transformação da Estrutura do Povoamento do I Milénio a. C. na Beira Interior*, vol. I, FLUC;
- TENTE, Catarina (2007) – “Lagares, lagaretas ou lagariças rupestres da vertente noroeste da Serra da Estrela”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 10 (1), Instituto Português de Arqueologia, pp. 345 – 366;
- VASCONCELLOS, Leite de (1917) – “Pela Beira: palavras prévias de Lisboa a Castelo Branco”, *O Archeólogo Português*, 1ª série, vol. XXII, pp. 293 – 344;
- VILAÇA, Raquel (2007) – *Depósitos de Bronze do Território Português – Um debate em aberto*, Conímbriga – Anexos 5, Instituto de Arqueologia da FLUC;
- VILAÇA, Raquel [et alii] (1998) – “Lugares e caminhos no mundo pré-romano da Beira Interior”, *Cadernos de Geografia*, nº 17, FLUC, pp. 35 – 42.